



Universidade: presente!



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

O RISCO E SUAS MATERIALIDADES NA POLÍTICA DE PREVENÇÃO, CONTROLE E VIGILÂNCIA DO *Aedes aegypti* EM PORTO ALEGRE

Autor: Nathália dos Santos Silva (UFRGS); Orientador: Prof. Dr. Jean Segata (PPGAS-UFRGS)

TEMA

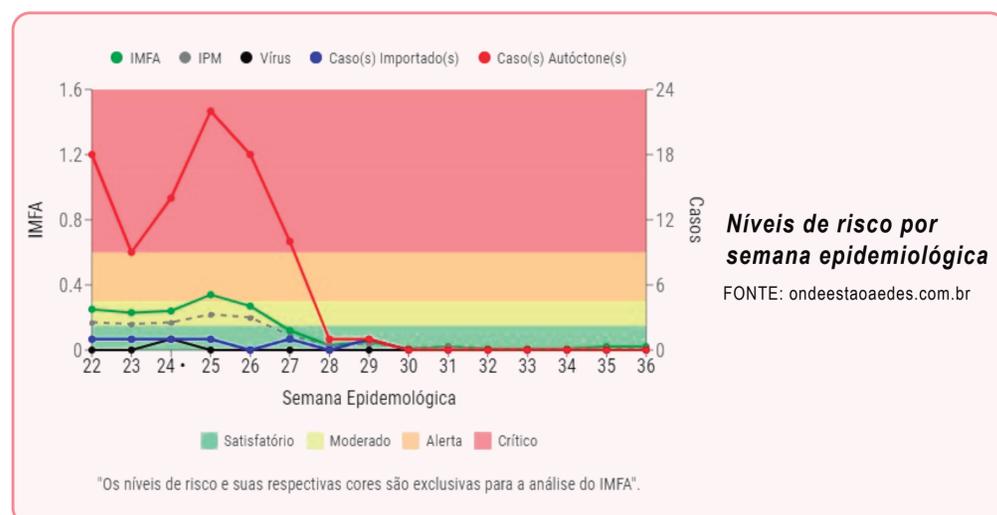
Este trabalho aborda a política pública de controle de doenças relacionadas ao *Aedes aegypti*, implementada pela prefeitura de Porto Alegre. Especificamente, realizo um estudo etnográfico das práticas de vigilância do mosquito nesse contexto, orientado pela seguinte questão: **como o risco de transmissão de doenças passa a ser identificado, monitorado e comunicado nesta política pública?**

O estudo pretende contribuir para o projeto de pesquisa coordenado pelo professor Jean Segata (PPGAS-UFRGS), intitulado "Performando epidemias: uma etnografia de políticas públicas para vigilância e controle das enfermidades relacionadas ao mosquito *Aedes aegypti* na América Latina e no Caribe"

De um **ponto de vista antropológico**, proponho abordar o risco a partir das relações múltiplas e provisórias que o constroem localmente, considerando suas materialidades. Ou seja, para além da perspectiva simbólica ou sociodiscursiva, busco descrever como o risco de disseminação de epidemias é performado (MOL, 2007) em práticas de vigilância que compõem esta política pública.

A **proposta teórico-metodológica** desta pesquisa dialoga com os Estudos Sociais da Ciência, com a Antropologia da Ciência e da Tecnologia e com os Estudos Multiespécie. Os dados que discuto nessa apresentação resultam de um trabalho de campo realizado entre setembro e dezembro de 2018, quando acompanhei a rotina dos gestores da política de controle do *Aedes aegypti* (biólogos, veterinários e jornalistas) no escritório da Equipe de Vigilância de Roedores e Vetores (EVRV), na Coordenadoria Geral de Vigilância em Saúde (CGVS) de Porto Alegre.

Inspirada nas etnografias de laboratório, procurei observar como esses profissionais se engajam não só com outras equipes mas também com plataformas de gestão online, fórmulas matemáticas, tabelas, gráficos, mapas, índices, conceitos categorias para monitorar o risco de transmissão de doenças e o andamento da própria política pública. Articulando observação participante, entrevistas e análise de documentos, busquei mapear provisoriamente algumas das operações que transformam mosquitos e vírus em informações, informações em dados e dados em enunciados sobre o nível de risco.

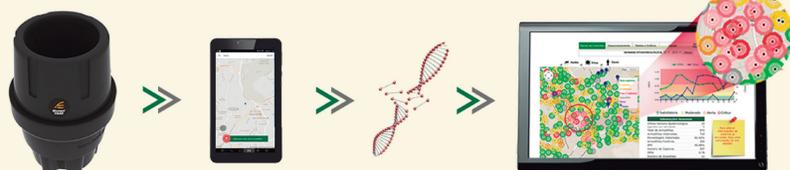


Cotidianamente localizado no tempo e no espaço através de um sistema de monitoramento inteligente do mosquito, dados sobre o risco passam a compor também outras coisas, como decisões sobre aplicações de inseticidas, instalações de novas armadilhas ou sugestões de diagnósticos médicos na atenção básica, e ainda justificativas sobre a relevância e urgência da continuidade ou não da própria política pública.

Principalmente, índices de risco, alertas e pontos vermelhos em um mapa digital inscrevem noções particulares de "ameaça futura". Eles orientam o planejamento de intervenções numa epidemia que ainda não aconteceu, mas que pode acontecer num local e tempo estimáveis (REITH, 2004; LAKOFF, 2007).

Cálculos de probabilidade de risco não são meras abstrações quando oferecem a mosquitos, pessoas e vírus uma materialidade que permite "ver" e "conjeturar" sobre suas relações presentes e futuras. Uma série de tensionamentos emerge desse processo em que **performar o risco também performa a epidemia e a política pública neste contexto particular.**

Em síntese, a partir dessa ênfase nos processos de composição de índices de risco, este estudo ainda em andamento contribui para uma reflexão antropológica acerca das distintas realidades da convivência entre pessoas, tecnologias e ambientes.



FONTE: ondeestaoaedes.com.br

O risco é calculado através do "Monitoramento Inteligente do *Aedes aegypti*" (Eco-vec). Após a instalação de armadilhas pela cidade, os mosquitos capturados são registrados no sistema e enviados a Minas Gerais, para o exame viral. Pontos coloridos no mapa representam a presença de mosquitos, e sua contagem permite calcular o "índice médio de infestação de fêmeas" (IMFA), a partir do qual se classifica o nível de risco em quatro categorias: satisfatório, moderado, alerta e crítico.